

19 abr 2024 · 21:00 Sala Suggia

MÚSICA & REVOLUÇÃO

ESTA É A
MADRUGADA

Remix Ensemble Casa da Música
Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música
Coro Casa da Música
Coro Infantil Casa da Música

Peter Rundel direção musical
Brad Lubman direção musical
Victor Pereira clarinete baixo
Iestyn Davies contratenor
Digitópia eletrónica

casa da música

COMEMORAÇÕES
CIVIS

50
X2

DE
MO
CRA
CIA

50 ANOS
25
DE
ABRIL

50 ANOS

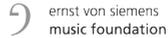


Imagem da página 14 (*Diário Popular* de 25/04/1974)
gentilmente cedida pela Associação 25 de Abril

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



APOIO



*Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo*

SOPHIA DE MELLO BREYNER

1ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel direção musical

Victor Pereira clarinete baixo

Digitópia eletrónica

Jorge Peixinho

Meta-Formoses,

concerto para clarinete baixo e conjunto instrumental (1985; c.22min)

Pedro Lima

Talkin(g) (A)bout My Generation,

para 15 instrumentistas e eletrónica (2019; c.10min)

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Coro Casa da Música

Coro Infantil Casa da Música

Brad Lubman direção musical

Iestyn Davies contratenor

Digitópia eletrónica

Comentários dos compositores

Vasco Mendonça

American Settings, para contratenor e orquestra,
sobre poemas de Terrance Hayes e Tracy K. Smith (2021; c.15min)*

1. Wind in a Box
2. The Umpteenth Thump
3. Flores Woman
4. Semi-splendid

Daniel Moreira

A Madrugada, para coro adulto, coro infantil, orquestra e eletrónica,
sobre poemas de Sophia de Mello Breyner (2023-24; c.15min)**

*Estreia mundial da versão orquestral — Compositor em Residência 2024.
Agradecimento especial: Rolex Mentor and Protégé Arts Initiative.

**Estreia mundial; encomenda Casa da Música.

Jorge Peixinho

MONTEIRO, 1940 – LISBOA, 1995

Meta-Formoses, concerto para clarinete baixo e conjunto instrumental

Sendo referido na literatura desde meados do séc. XVIII, o clarinete baixo estabilizou num modelo muito idêntico ao dos nossos dias em 1838, quando Adolphe Sax propôs o *Clarinette Basse recourbée à pavillon de cuivre*.

Durante muito tempo considerado como um instrumento secundário, complementar ao clarinete em termos de extensão, o clarinete baixo afirmou-se primeiramente através da sua integração na orquestra, a que se seguiu um processo de emancipação na segunda metade do séc. XX. De facto, em 1955, Joseph Horák (1931-2005) realizou o primeiro recital a solo de clarinete baixo. Com Emma Kovárnová, fundou o agrupamento *Due Boemi di Praga*, que permaneceu activo durante mais de 40 anos e estimulou a composição de 296 obras.¹

Outros responsáveis pelo processo de expansão do clarinete baixo foram Harry Sparnaay (1944-2017) e Henri Bok (1950-). Mais recentemente, Marc Volta, Rocco Parisi e Michael Lowenstern, entre outros, têm contribuído para a sua afirmação enquanto instrumento solista; em Portugal, releva a actividade de Luís Gomes neste âmbito.

No livro *The Bass Clarinet: a personal history* (2011), Sparnaay elenca 13 obras para clarinete baixo e ensemble, sendo apenas quatro delas anteriores a *Meta-Formoses*. A nível nacional, a obra foi precedida por *Breve Fantasia*, para clarinete baixo e orquestra (1972), de Duarte

Pestana. Só já no séc. XXI voltaram a compor-se, em Portugal, obras para a mesma formação instrumental.

Meta-Formoses foi escrita em 1985, por sugestão de Harry Sparnaay, que conhecera Jorge Peixinho durante um concerto nos Países Baixos. À ante-estreia em Lisboa (Maio de 1985), nos 9.ºs Encontros de Música Contemporânea da Fundação Calouste Gulbenkian, que encomendou a obra, seguiu-se a estreia em Amesterdão, no Festival Internacional ISCM-Gaudeamus, em Outubro do mesmo ano. Em ambos os casos, Harry Sparnaay e o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa — fundado por Jorge Peixinho em 1970 — actuaram sob a direcção do compositor.

Segundo Peixinho, “a forma geral é articulada segundo um sistema complexo de relações entre os diversos tipos de materiais de base, os quais estabelecem uma rede de transformações e sobreposições, assumindo, por isso, um carácter especial em que os diversos ciclos de reiteração dos elementos-base são assinalados por mutações constantes, susceptíveis de diferentes leituras com distintos matizes. Para além da função solística do clarinete baixo (factor, por assim dizer, ‘exterior’), existe um outro aspecto unificador na concepção e elaboração da obra (factor ‘interno’): um sistema de campos harmónicos, nos quais a técnica contrapontística e as relações intervalares assumem uma função estrutural: elemento-matriz e critérios de mobilidade e transformação”.²

A obra distingue-se pela escrita inovadora e pela forma como explora o instrumento. Revela uma expressividade marcadamente lírica, denotando também grande sensibilidade para a escolha dos registos que utiliza.

¹ À influência de Joseph Horák devem-se mais de 600 obras, incluindo transcrições e adaptações; algumas delas são assinadas por autores de renome.

² Cf. Peixinho, J. (1985). [Nota de Programa]. *Programa dos 9.ºs EMC*, Lisboa, p. 54-55.

O potencial técnico-interpretativo, do instrumentista e do instrumento, são amplamente desafiados, seja em momentos de tensão, seja no âmbito de fluentes diálogos com o ensemble, onde se desenvolvem misturas de cores, timbres e efeitos cuidadosamente seleccionados. Numerosas colagens e citações dão um cunho pessoal à obra.

Meta-Formoses é uma pedra de toque da produção musical de Jorge Peixinho. Sendo a obra portuguesa para esse instrumento e ensemble mais vezes tocada e gravada — 13 apresentações públicas, das quais sete em Portugal e seis no estrangeiro, além de dois fonogramas comerciais —, destaca-se no âmbito da produção musical contemporânea portuguesa, mas também ao nível do repertório internacional para clarinete baixo e ensemble.³

ANA TELLES, 2024⁴

³ Para mais informações sobre a obra, sugere-se a leitura de Gomes, L., & Telles, A. (Julho de 2018). “META-FORMOSES ou Concerto para Clarinete Baixo e Ensemble de Jorge Peixinho: Importância, escrita idiomática e questões de interpretação”. *Clarinetista: Revista da Associação Brasileira de Clarinetistas*, 5, pp. 44-65 [disponível em https://www.researchgate.net/publication/327395177_META-FORMOSES_ou_Concerto_para_Clarinete_Baixo_e_Ensemble_de_Jorge_Peixinho_Importancia_escrita_idiomatica_e_questoes_de_interpretacao]

⁴ A autora não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Pedro Lima

BRAGA, 1994

Pedro Lima formou-se no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, na Escola Superior de Música de Lisboa e na Guildhall School of Music and Drama, onde completou com máxima distinção o mestrado em Opera Making & Writing. A sua primeira peça para orquestra foi estreada na mítica Konzerthaus de Berlim, em 2015, quanto tinha apenas 21 anos. No mesmo ano foi finalista no Concurso de Composição da Banda Sinfónica Portuguesa, com a obra *Sopro do Côncavo* — desde então tocada múltiplas vezes e editada em CD pela editora MPMP. Ganhou o Prémio de Composição da SPA. Enquanto jovem compositor em residência na Casa da Música (2019), escreveu *Talkin(g) (A)bout My Generation* para o Remix Ensemble — obra mais tarde premiada na categoria *under 30*, na Tribuna Internacional de Compositores realizada na Sérvia, em 2021. É cocriador da ópera *O tempo (somos nós)* (2022), parceria com os jovens reclusos do Estabelecimento Prisional de Leiria, a comunidade prisional e a Orquestra Gulbenkian. Outros trabalhos têm resultado de parcerias alternativas: *O meu Velho diz que morre* (2022), com o Grupo Folclórico da Corredoura e coreografia de Maria R. Soares; *Luz* (2021), performance imersiva e duracional com Manuela Ferreira e José Álvaro Correia; *Echo — Prelúdio para a História de Narciso* (2023), performance imersiva com o Drumming GP e a companhia de dança Arte Total; *Dance Suite* (2024), obra encomendada pela Orquestra das Beiras que inaugurou Aveiro — Capital Portuguesa da Cultura 2024, e onde a música disco e eletrónica “contamina” o universo orquestral. O seu álbum monográfico *Talkin(g) (A)bout My Generation* foi lançado no começo de 2024 pela Artway Next.

Talkin(g) (A)bout My Generation, para 15 instrumentistas e eletrónica

Eletrónica: Pedro Lima

Texto original: Gareth Matthey

Tradução: Rui Quaresma

Voz (gravação): Rose Stachniewska

De uma necessidade de partilhar algumas ideias que tenho sobre o mundo contemporâneo surgiu a vontade para escrever esta peça. Não estou honestamente interessado em avaliações qualitativas ou juízos morais sobre aquilo que está certo ou o que está errado. Deixo isso para os outros.

Habitando a selva de Londres, onde diariamente me confronto com ideologias modernas, sinto-me, mais do que nunca, provocado para responder criativamente a características inseparáveis da geração *millennial*. E só Deus sabe a maravilhosa adrenalina que me aflui quando penso em multidões, quando penso no consumo, quando penso em mísseis, quando penso no fim. Estamos sem volante há algum tempo, não sei se o recuperaremos outra vez; mas, afinal de contas, que importa?

Esta obra é uma reacção a tudo isto, é uma aliteração musical e também uma estória que procura combinar o drama com o humor.

Em *Talkin(g) (A)bout My Generation*, o próprio veículo — a peça — tornou-se a mensagem. Ter o Remix Ensemble, um grupo de excelência absolutamente comprometido com a modernidade, a estrear esta obra é um luxuoso prazer que impregna a música de um sentido ainda mais visceral.

É dedicada a toda a minha geração.

PEDRO LIMA, 2019

Estranhamente depressa

Era uma —

Bombas de eco caem com eco eco ecos

De poeira ida, tempo de maré findo

Vou indo!

Lento, condenado, acabado.

Agora!

Questões em misseis — sem respostas! Só referências!

Explosões deste lado, daquele lado, juntas lado a lado

Há fogo!

“Onde?”

Que importa!

Agora!

É que vale tudo!!

Desafecto!

Vale tudo só por tempo limitado

Desencantamento!

Vale tudo só por tempo limitado

Desposseção!

Vale tudo só por tempo limitado

Desinstituição!

Vale tudo só por tempo limitado

Já só há tempo limitado!

Agora!

Sideral poeira sedimentada torna-se sensível pelos séculos:

Sintam a sua tristeza!

Sentada, suspira, vende e compra desastres em saldos:

O fim súbito aproxima-se de certeza!

Agora!

Sem volante — já saiu!

Depressa para o espaço sem pensar na perda:

Grito.

“Depressa!!”

“Depressa!!”

“Depressa!!”

Agora!

[A]té —

Todos. Tudo.

Exaustos. Apenas exaustos.

Mas depois —

Sem pausa.

Só ir.

E.

Depressa!!!

Vasco Mendonça

PORTO, 1977

A música de Vasco Mendonça é tocada por agrupamentos como o AskolSchönberg Ensemble, Spectra Ensemble, Nieuw Ensemble, Axiom Ensemble ou International Contemporary Ensemble (ICE), além das principais formações nacionais. Recebe encomendas de importantes festivais (Aix-en-Provence, Aldeburgh Music, Verbier, Musica Estrasburgo, November Music) e de salas de concerto dos Países Baixos, Paris, Nova Iorque, Amesterdão, Bruxelas, Luxemburgo, Colónia, Antuérpia e Portugal. Tem trabalhado com algumas das companhias de teatro musical mais inovadoras da Europa, como o Music Theatre Wales, o Muziektheater Transparant e o LOD Muziektheater, e com encenadores como Katie Mitchell, Michael McCarthy e Luís Miguel Cintra. Tem obras editadas em CD pela Naxos e pela Classic Concert. Estudou com Klaas de Vries e George Benjamin, foi distinguido com o Prémio de Composição Lopes-Graça e o Rolex Mentor and Protégé Arts Initiative (recebendo orientação de Kaija Saariaho), e representou Portugal no International Rostrum of Composers da UNESCO.

American Settings, **para contratenor e orquestra**

Poemas de Terrance Hayes e Tracy K. Smith

No outono de 2016 estava em Brooklyn a ensaiar um espetáculo, quando ocorreu o infame episódio do ‘hot mic’ de Donald Trump, em que este foi ouvido a insultar mulheres por um microfone que deveria estar desligado. Nesse mesmo dia, um suspiro de alívio percorreu toda a equipa criativa: era impossível Trump sobreviver politicamente a este escândalo.

Obviamente, não foi esse o caso. Tentando perceber o que acontecera nessas eleições, ali-mentei nos anos seguintes um consumo compulsivo de informação, a que correspondia uma crescente apreensão pessoal pelo futuro, pelas pessoas, pelo planeta — apenas para chegar à conclusão de que a resposta era demasiado complexa para me tranquilizar.

A descoberta da poesia de Terrance Hayes e Tracy K. Smith, quando procurava uma forma de lidar com esta inquietação no meu trabalho, foi uma revelação: aqui estavam dois artistas que, no olho do furacão, de alguma forma tinham criado um equilíbrio admirável entre o corrente e o eterno, misturando linguagens e escalas num universo dinâmico em que nada parecia ficar de fora. Vernáculo e filosofia, desejo carnal e metalinguagem, tudo era combinado numa espiral vertiginosa e comovente de palavras que eram tanto significado como música. E, pacificado pela descoberta destes poemas singulares, compus em 2022, num gesto catártico, um ciclo de canções para voz e percussão (agora transpostas para orquestra) que são uma espécie de folclore imaginário da América que existe na minha cabeça: uma espiral vertiginosa de excesso e transcendência que me fascina e aterroriza em doses idênticas. Idílio e apocalipse sem nada no meio.

Nas duas canções de contemplação, a voz vai-se lentamente inscrevendo no paisagem orquestral, da mesma forma que o narrador nos desvenda o mundo que o rodeia — interior e abstrato em “Wind in a Box”, a costa da Ilha das Flores em “Flores Woman”. Nas duas canções de interpelação, a orquestra é como uma segunda pele da voz (áspera e restritiva no soneto dedicado a Trump em “The Ump-teenth Thump”), elástica e orgânica como a tensão íntima em “Semi-splendid”.

VASCO MENDONÇA, 2024

1. Wind in a Box

(Vento numa Caixa)

Esta tinta. Este nome. Este sangue. Este erro.
Este sangue. Esta perda. Este vento solitário.
Este desfiladeiro.

Este / gémeo / agilmente / remando / sombra
aflorando uma polegada acima da carpete —
Este grito. Esta lama.

Este estremecer. Foi aqui que fiquei: junto à
cama, junto à porta, junto à janela, pela noite
/ pela noite.

Quão fundo, quantas vezes / tem uma mulher
de ser tocada?

Quão fundo, quantas vezes fui eu tocado?
No osso, no ombro, no sobrolho, no nó dos
dedos:

Tocado como último nome, tocado como um
fósforo molhado.

Tocado como um sapato vazio e um sapato
vazio, macio e incompreensível. Esta tinta.

Este nome. Este sangue e este espanto. Esta
caixa. Este corpo numa caixa. Este sangue
no corpo. Este vento no sangue.

— Terrance Hayes, in *Wind in a Box* (2006)

2. The Umpteenth Thump

(A Enésima Palmada)

A enésima palmada no traseiro de um belo
rabo roliço

Deixa-nos perplexos. O estúpido, o palerma,
o monte de intrujice.

O enésimo discurso bronco excitado jorra
Um ronco fedorento pelo ar. O enésimo
afundamento

Na nossa agitada democracia, uma
burocracia deformada

Com asas minúsculas, demasiado pequenas
para o seu corpo

Roliço, amarrotado. Humpty-Dumpty.⁵ Fato
Desmazelado. O enésimo grasnido de oco
trovejar.

O enésimo “Acredita em mim”. A enésima
réplica

Agastada, rabugenta. Trocos, jogo de casino,
smoking,

Dentes branqueados, discurso da treta.

Ciência da treta. Compromisso da treta.

País da treta, discurso da treta. A enésima
ostentação

Pisa-nos o dedo do pé. A enésima
falsidade esmaga-nos os cotovelos e os
globos oculares, os nossos Nãos, os Altos!,
os uaus!, os ais.

— Terrance Hayes, in *American Sonnets for
my Past and Future Assassin* (2017)

⁵ [N. T.] Trocadilho com a personagem Humpty-
-Dumpty de Lewis Carrol, aqui significando gordo
atarracado.

3. Flores Woman

(A Mulher de Flores)

Foi descoberta uma espécie de humano minúsculo, que viveu na remota ilha indonésia de Flores há apenas 18.000 anos... Até agora os investigadores descobriram os restos de oito indivíduos com apenas um metro de altura, e crânios do tamanho de toranjas. Estas surpreendentes pessoas pequenas... faziam ferramentas, caçavam pequenos elefantes e viveram em simultâneo com os humanos modernos que então colonizaram a área. (Nature, out 2004)

Luz: levantada, estico o meu corpo breve.

Cor: a chama do dia por trás de olhos vazios.

Som: pássaros espetam bicos vorazes

No tronco e na semente, espalham as cascas

Até à folhagem onde os meus sonhos

E os meus amores vivem.

Todos os dias acordo assim.

Os rastos seguem os grandes animais

Até onde eles se juntam, arrebanham.

Caça: uma dança contra a fome.

Música: festim e medo.

Esta ilha torna-se em nós.

As árvores cobrem o nosso céu. Sussurram com prazer

Numa voz verde como a luxúria. Os répteis

Arrastam a noite nas suas caudas,

Vivem do escuro. Uma fúria de ondas

Protege o horizonte, que nós devoraríamos.

Um dia quero mergulhar e andar à deriva,

Pernas e braços acoçados pelo perigo.

Como uma estrela negra. Eu quero perdurar.

— Tracy K. Smith, in *Duende* (2007)

4. Semi-splendid

(Semi-esplêndido)

Tu vacilas. Algo cintila, não sai da tua cara.

O meu

Coração bate no teto, dizendo à minha língua

Para baixar o volume. Demasiado tarde.

O algo trepa, salta,

Cai agora sobre nós como a partida de um

gélido, cerebral

Senhor. Escolhi a palavra errada. Errei por

não escolher

Apenas sorrir, puxar-te para mim e para

longe do

Que tu pensas ser esse outro eu, que vagueia

perdido entre...

Entre quem? Os muitos? Os raros? Quem

dera que não te importasse.

Observo-te a observá-la. A sua mera sombra

é uma fúria

Que destrói os espaços dos teus olhos.

Dizes-te surpreendido

Com o que ela quer, pobre rapariga,

atormentada pelo desespero,

Esvoaçando de desgosto em desgosto?

Não é a ti que ela procura? E

Se tu a culpas a ela, sabe que ela te culpa a ti

por teres escolhido

Não a ela, mas a mim. O amor nunca é

justo. Mas será que isso nos — deveria —

importa(r)?

— Tracy K. Smith, in *Poetry* (2017)

Traduções: Joaquim Ferreira

Daniel Moreira

PORTO, 1983

Daniel Moreira é doutorado (PhD) em Composição Musical (King's College, Londres; 2017), com bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia; mestre em Composição e Teoria Musical (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo; 2010); e licenciado em Economia (Faculdade de Economia do Porto; 2006).

Em 2009, foi jovem compositor em residência na Casa da Música. Desde então, têm-lhe sido regularmente encomendadas novas obras e arranjos (Casa da Música, Festival Musica Strasbourg, European Concert Hall Organisation, Kölner Philharmonie, Chester & Novello, Banda Sinfónica Portuguesa, Antena 2/RDP, Movimento Patrimonial para a Música Portuguesa, Programa Criatório e Batalha Centro de Cinema). A sua música abarca múltiplos géneros — da música orquestral à de câmara —, com especial ênfase, mais recentemente, em música coral, ópera, música para filme e música em que interagem instrumentos acústicos e eletrónica.

Daniel Moreira é professor de análise, composição e estética na ESMAE-P.Porto (2009-), tendo também lecionado na Universidade do Minho (2017-19) e, como professor visitante, no projeto Xiquitsi em Maputo (2015-17). É investigador integrado no CEIS20-U.Coimbra (2020-), apresentando regularmente o seu trabalho — centrado em música do século XX e XXI — em conferências nacionais e internacionais. Tem um artigo publicado sobre a música de Webern (*Revista Portuguesa de Musicologia*, 2016) e dois sobre a música de Bernard Herrmann para os filmes de Hitchcock (*Music Analysis*, 2021; *Journal of Film Music*, 2022), e prepara outros trabalhos sobre sintaxe tonal no pop-rock (em especial na música dos Radiohead) e sobre a ideia de musicalidade nos filmes de David Lynch.

A Madrugada, para coro adulto, coro infantil, orquestra e eletrónica

Poemas de Sophia de Mello Breyner

Uma nota introdutória

Não gosto muito de falar — e menos ainda de escrever — sobre a minha música. Acima de tudo, não gostaria de condicionar o ouvinte a interpretar a música de uma ou outra forma. Nem tirar-lhe a frescura da experiência. Nem mesmo quando existe um contexto político e social bem definido como é o caso de *A Madrugada*, uma peça que assinala os 50 anos do 25 de Abril. Na minha opinião, uma das características mais interessantes da música é a sua ambiguidade — a sua tendência para resistir a fixar-se em significados muito concretos ou evidentes. Diferentes pessoas retiram diferentes significados da música que ouvem. A escuta musical é, nesse sentido, um exercício de liberdade.

Um apontamento biográfico

Nasci em 1983, quase 10 anos depois do 25 de Abril. Apesar disso, o 25 de Abril sempre teve uma presença muito forte na minha vida. Recordo-me, desde pequeno, de ir à Baixa do Porto, com os meus pais e avós, assistir às celebrações anuais da Revolução. E sempre ouvi falar em casa sobre esse período de libertação e esperança, em contraste com a opressão e conservadorismo do anterior regime. O meu avô Jerónimo — a cuja memória esta peça é dedicada — fora um ativo militante anti-salazarista, tendo sido mais do que uma vez preso e torturado pela PIDE. O meu pai — que tinha 18 anos em 1974 — estava a preparar-se para fugir do país por causa da Guerra Colonial. Se não fosse a Revolução, provavelmente não teria conhecido a minha mãe — e eu não teria

nascido. Participei, ainda, em muitas celebrações do 25 de Abril, na Avenida dos Aliados, como coralista do Coral de Letras da Universidade do Porto, de que fui membro ativo entre 2004 e 2018. Foi assim que durante muitos anos passei o dia 24 para o dia 25 a cantar o arranjo de Fernando Lopes-Graça da “Grândola Vila Morena”, junto com muitos dos meus amigos mais próximos e sob a direção sempre inspiradora de José Luís Borges Coelho.

Os poemas de Sophia de Mello Breyner

Foi, por tudo isso, com grande emoção que recebi a encomenda da Casa da Música para escrever uma peça coral-sinfónica para os 50 anos do 25 de Abril. Mais ainda quando o diretor artístico António Jorge Pacheco me explicou que o objetivo seria utilizar poemas de Sophia de Mello Breyner, incluindo aquele que se intitula “25 de Abril” e que começa com a célebre frase “Esta é a madrugada que eu esperava”. Sempre tive grande admiração pela poesia de Sophia — pela sua força expressiva, pela sua concisão e pela sua musicalidade. Seleccionei um total de cinco poemas — dois sobre o “tempo de silêncio e mordaza” da Ditadura, em que jovens voltavam de África “com morte no passaporte”; e três sobre o “tempo novo” e o “puro início” em que emerge a Democracia. De modo paralelo, também a minha peça tem essencialmente duas partes — uma para o *antes* do 25 de Abril, outra para o *durante*. Ou talvez tenha três partes — talvez o final seja já o *depois*, num olhar interrogativo de 2024.

Os sons das vozes

Sendo uma peça baseada em poemas de Sophia, as vozes têm um papel central: não só nos coros, mas também na eletrónica. As vozes aparecem com diferentes textos (não só os de Sophia) e com diferentes sons. Cada tipo de som sugere conotações e ambientes diferentes. Não é indiferente se ouvimos o texto cantado pelo coro adulto ou pelo coro infantil, e não é indiferente se o texto aparece na eletrónica com um ou outro timbre. A perceção dos textos também depende, claro, dos sons não-vocais — da orquestra e da eletrónica —, os quais ora sublinham, ora complementam, ora contradizem os das vozes.

Agradecimento

A assinatura da peça pode ser individual, mas o trabalho de composição esteve longe de ser solitário. Muitos foram os que me ajudaram de uma ou de outra forma, incluindo muitos dos instrumentistas e chefes de naipe da Orquestra (vários dos quais me deram preciosas sugestões) e toda a equipa da Digitópia e dos Coros. Agradeço em especial a todos aqueles — entre familiares, amigos e membros da Orquestra e do Coro Infantil — que, com grande paciência e generosidade, participaram nas gravações que serviram de base à eletrónica ou que emprestaram material para a sua realização: o Bernardo Pinhal, o Bruno Costa, a Carolina Rodrigues Moreira, o Carlos Lopes, a Dalila Teixeira, o Dinis Duarte, o Ivan Crespo, o João Moreira, a Lara Loureiro, a minha avó Lúcia de Fátima, a Maria Francisca Brito, a Maria Miguel Ribeiro, o Miguel Bastos e os seus pais, José Bastos e Dulce Ramos, o Nuno Vaz, os meus pais, Helena Monteiro e José Moreira, a Raquel Mendes, o Sérgio Carolino, o Severo Martínez, o Wellington Ramos, e a minha tia Maria José Moreira.

DANIEL MOREIRA, 2024

Data

Tempo de solidão e de incerteza
Tempo de medo e tempo de traição
Tempo de injustiça e de vileza
Tempo de negação

Tempo de covardia e tempo de ira
Tempo de mascarada e de mentira
Tempo que mata quem o denuncia
Tempo de escravidão

Tempo dos coniventes sem cadastro
Tempo de silêncio e de mordação
Tempo onde o sangue não tem rastro
Tempo de ameaça

— in *Livro Sexto* (1962)

Guerra ou Lisboa 72

Partiu vivo jovem forte
Voltou bem grave e calado
Com morte no passaporte

Sua morte nos jornais
Surgiu em letra pequena
É preciso que o país
Tenha a consciência serena

— in *O Nome das Coisas* (1977)

25 de Abril

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

— in *O Nome das Coisas* (1977)

Revolução

Como casa limpa
Como chão varrido
Como porta aberta

Como puro início
Como tempo novo
Sem mancha nem vício

Como a voz do mar
Interior de um povo

Como página em branco
Onde o poema emerge

Como arquitectura
Do homem que ergue
Sua habitação

— in *O Nome das Coisas* (1977)

Revolução — Descobrimento

Revolução isto é: descobrimento
Mundo recomeçado a partir da praia pura
Como poema a partir da página em branco
— Katharsis emergir verdade exposta
Tempo terrestre a perguntar seu rosto

— in *O Nome das Coisas* (1977)

Esta madrugada

AMPLO MOVIMENTO DE FORÇAS ARMADAS

Desde a madrugada de hoje que a cidade de Lisboa vive um estado de alarme de que, a princípio, poucos se aperceberam, mas de que foi havendo consciência generalizada, à medida que decorriam as horas e amanhecia.

Para além dos que intervieram directamente nos primeiros acontecimentos e daqueles que se situavam nos centros onde se registaram acções de elementos militares — em especial postos emissores —, foram as pessoas que trabalhavam durante a noite aquelas que se aperceberam da situação, ao escutarem uma emissão do Rádio Clube Português. Subitamente interrompido o programa que estava a ser transmitido, ouviu-se uma voz a anunciar que as Forças Armadas haviam desencadeado uma série de acções «com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina». Seguiu-se um apelo às forças militari-

zadas e policiais para não se oporem de qualquer forma ao movimento e outro, à população, para que se mantivesse calma e se conservasse nas suas residências.

Alarme numa cidade com as ruas desertas

Seguidamente, os emissores do Rádio Clube Português passaram a transmitir marchas militares, interrompendo essa transmissão apenas para a repetição daquele comunicado e de outros, que reproduzimos noutra local do nosso jornal.

Isto passava-se antes das 4 horas da madrugada e as escassas pessoas que trabalhavam nessa ocasião e haviam sido alertadas pela emissão acima referida procuraram sintonizar a Emissora Nacional ou apressaram-se a tentar obter informações telefónicas. A Emissora Nacional transmitia já nessa ocasião um programa de música ligeira, sucedendo-se, porém, os trechos sem qualquer intervenção de locutores. Esta situação devia manter-se até ao princípio da manhã, ocasião em que aquele posto emissor oficial deixou de ser ouvido.

Este estado de alarme surgiu numa cidade que a essa hora tinha as suas ruas praticamente desertas.

Entretanto, às notícias difundidas por Rádio Clube Português, transmitidas como comunicados do Movimento das Forças Armadas, juntava-se outra informação, a primeira que forneceu ao público os primeiros elementos concretos do que se estava a passar: Essa informação figurava em «Últimas Notícias» do nosso prezado colega «O Século» — o único jornal da manhã a noticiar o caso — encimada pelo título «Ocupadas por militares algumas estações emissoras».

Es o teor da notícia:

As três horas, grupos de militares armados, de unidades

ainda não identificadas, assaltaram, ocupando-os, os estúdios da Emissora Nacional, no Quelhas; da Radiotelevisão Portuguesa, na Almeida das Linhas de Torres; e do Rádio Clube Português, na Rua Sampaio Pina. Simultaneamente, era também cercada a área onde se situa o Quartel-General, em S. Sebastião da Pedreira.

Depois das quatro horas, e apenas através de Rádio Clube Português — que entretanto, passara a transmitir marchas marciais, tendo sido suprimidos os habituais programas da madrugada — foram lidas mensagens e apelos, que se diziam

precedentes de um «movimento das forças armadas», em cujo nome se exortavam os elementos das forças militarizadas e policiais a recolherem a quartéis, aconselhando-se os respectivos comandos a usarem da «máxima prudência» a fim de ser evitada a desnecessária efusão de sangue.

Pouco antes das 5 horas, a reacção oficial estava já em curso, não se conhecendo, no entanto, pormenores quanto ao seu desenvolvimento. Todavia, começava a gerar-se certa expectativa, não só no capital como nas diversas regiões onde estava a ser escutada a emissão de R. C. P.»

«Barragens» de forças militares em vários pontos da cidade

Como na maioria dos pontos da cidade não se registava qualquer aparato militar, circunscrito, de início, às zonas onde se havia registado a intervenção

das forças militares como atrás referimos, muitos milhares de pessoas, ignorando o que se passava, saíram de suas casas para as habituais ocupações. E para a maioria deles foi a caminho dos empregos que se tornou conhecida a situação anormal que se vivia na cidade.

Alertada desde muito cedo, a reportagem do «Diário Popular» acorreu a vários locais, deparando, aqui e além, sobretudo nas imediações da rua Sampaio Pina, onde se localizam os estúdios do Rádio Clube Português, com «barragens» de forças militares, que impediam a passagem.

Entretanto, a fisionomia da cidade tomava aspectos diferentes dos habituais, primeiro porque muitas pessoas decidiram voltar a suas casas, segundo porque aqui e além os transportes públicos começaram a funcionar com deficiências e registando-se cedo as primeiras paragens.

Desde cerca das quatro horas da madrugada — hora a que, como dissemos, foi conhecido o movimento — o comando das tropas revolucionárias ficou instalado nos estúdios principais do Rádio Clube Português, à rua Sampaio e Pina, em Lisboa. A respectiva área foi isolada e só era permitido entrar e sair da mesma zona acompanhados de militares.

Até ao meio-dia só eram transmitidos através do Rádio comunicados das forças revolucionárias, não havendo nenhuma informação oficial.

Entretanto, elementos, com carros blindados, de unidades de Sanitarém e de Tomar — favoráveis ao movimento e que haviam chegado a Lisboa — ocuparam posições no Terreiro do Paço.

A MARCHA DOS FUZILHEIROS AMERICANOS

após o comunicado

Um pormenor que se tornou senado, na transmissão dos comunicados do Comando das Forças Revolucionárias, através do Rádio Clube Português, foi o facto de, após a leitura, ser tocada a conhecida marcha dos fuzilheiros americanos, de John Philip de Sousa.

Os trechos musicais transmitidos interromperam-se por aquele emissor eram constituídos, quase exclusivamente, por discos de música portuguesa, nomeadamente, de canções contemporâneas aos últimos festivais de canção e outros, dentre estas salientando-se canções de José Afonso.



Tropas em posição de combate, esta manhã, junto do edifício dos Paços do Concelho

Peter Rundel direção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR, Frankfurt e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Helsínquia, Radio France e Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma, a Sinfónica de Viena e a Filarmónica de Bruxelas. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, na Ópera da Flandres, no Teatro Argentino La Plata, na Ruhrtriennale e no Festival de Bregenz, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Calixto Bieito, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht* e *Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug — die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Mais recentemente, apresentou-se com sucesso na Ópera de Zurique — *Girl with a Pearl Earring* de Stefan Wirth (nomeada estreia do ano

pela revista *Opernwelt*) — e no Teatro Estatal de Hesse/Wiesbaden — *Werther* de Massenet.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi diretor artístico da Filarmónica Real da Flandres e o primeiro diretor artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 foi nomeado maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música, com o qual conquistou grande sucesso em importantes festivais europeus — nesta temporada, dirige-o na Elbphilharmonie de Hamburgo e na Philharmonie de Colónia, com Matthias Goerne, estreando um novo arranjo de Jörg Widmann para *Dichterliebe* de Schumann.

Profundamente comprometido com o desenvolvimento e a promoção de jovens talentos musicais, fundou no Porto a Academia de Verão Remix Ensemble dedicada a jovens músicos e maestros. Como diretor musical do Taschenoperfestival (desde 2019), criou uma outra academia em Salzburgo, com vista à promoção de jovens maestros no campo do teatro musical contemporâneo. É regularmente convidado para ensinar em cursos internacionais de ensembles como a London Sinfonietta, o Ulysses Ensemble na Academia ManiFeste em Paris, a Academia do Festival de Lucerna e no Teatro alla Scala de Milão.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy.

Brad Lubman direção musical

Brad Lubman, maestro e compositor norte-americano, conquistou reconhecimento internacional pela sua versatilidade, técnica de direção e interpretações criteriosas ao longo de mais de duas décadas. É frequentemente requisitado pelas principais orquestras da Europa e dos Estados Unidos da América, e tem tido muito sucesso nas parcerias que mantém com várias orquestras e ensembles de renome, incluindo a Orquestra Sinfónica da Rádio Bávara, a Sinfónica WDR e a Sinfónica Alemã de Berlim. Em paralelo com a sua preenchida agenda na Alemanha, é convidado com regularidade para dirigir algumas das principais orquestras mundiais, entre elas a Orquestra do Concertgebouw, a Filarmónica de Los Angeles, a Orquestra Sinfónica Nacional Dinamarquesa, a Filarmonica della Scala e a Sinfónica de Xangai.

Além disso, tem trabalhado com alguns dos ensembles de música contemporânea europeus e norte-americanos de maior relevo, entre os quais o Ensemble Modern, a London Sinfonietta, o Klangforum Wien, o Ensemble MusikFabrik, o Ensemble intercontemporain, o Ensemble Resonanz, o New Music Group da Filarmónica de Los Angeles e a formação Steve Reich and Musicians.

Depois das recentes colaborações com agrupamentos como a Orquestra NDR da Elbphilharmonie, a Sinfónica da Rádio de Berlim, a Filarmónica do Luxemburgo, a Sinfónica de Gotemburgo e a Sinfónica da BBC, na presente temporada dirige a Filarmónica de Nova Iorque, a Orquestra de Paris, a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a Filarmónica da Radio France, a Sinfónica SWR de Estugarda e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Deu início à temporada 2023/24 no

Auditório Nacional da Cidade do México com *2001, Odisseia no Espaço* de Stanley Kubrick, um projeto multimédia em cooperação com o Southbank Center de Londres, que tinha já apresentado com a Filarmónica de Los Angeles e a Sinfónica de São Francisco.

Brad Lubman é codiretor musical e artístico fundador do Ensemble Signal, de Nova Iorque. A gravação de *Music for 18 Musicians* de Steve Reich, editada pela Harmonia Mundi, recebeu um Diapason d'or em junho de 2015. Na primavera de 2019, dirigiu o ensemble na estreia de *Reich/Richter*, de Steve Reich — enquadrado no projeto *Reich Richter Pärt*, na inauguração do centro de artes The Shed, em Nova Iorque.

Professor de direção e ensembles na Eastman School of Music em Rochester, ensina também no Bang on a Can Summer Institute.

Lubman gravou discos para a Harmonia Mundi, Nonesuch, AEON, BMG/RCA, Kairos, Mode, NEOS e Cantaloupe. Em 2017, foi compositor em residência no Festival Grafenegg. As suas composições têm sido interpretadas por agrupamentos como a Orquestra Tonkünstler da Áustria e por músicos da Filarmónica de Los Angeles. Em 2020 foi estreada uma nova obra escrita para Rudolf Buchbinder, no Musikverein de Viena, que o pianista gravou para a Deutsche Grammophon.

Victor Pereira clarinete baixo

Na carreira artística de Victor Pereira destacam-se os 23 anos como solista do Remix Ensemble. Gravou mais de duas dezenas de discos dedicados à música contemporânea, entre os quais *Concerto*, com o Remix Ensemble; *Mo(vi)mentos*, com obras de compositores portugueses; *Metal* do duo 2RV; e *Invenções* em duo com o pianista Vítor Pinho. A revista Gramophone incluiu o disco *Pascal Dusapin ao Vivo 2012* (edição Casa da Música), com a participação de Victor Pereira como solista, na sua lista de Escolha dos Críticos de 2013. Integra o duo 2RV com o clarinetista Ricardo Alves e o KLAVIS DUO com o pianista Vítor Pinho.

É professor de clarinete e música de câmara na Academia de Música de Castelo de Paiva e na Escola Profissional de Música de Espinho. Ensinou também no Instituto Piaget e na ESMAE.

É regularmente convidado a orientar masterclasses e a integrar o júri de vários concursos. É coordenador artístico da Academia Ibero-Americana do Clarinete, em Castelo de Paiva. Estudou na Academia de Música de Castelo de Paiva e na ESMAE, concluindo a licenciatura com o Prémio Fundação Eng.º António de Almeida. É mestre em Performance Musical pela Universidade de Aveiro.

Iestyn Davies contratenor

Depois de ter estudado Arqueologia e Antropologia em Cambridge, Iestyn Davies decidiu frequentar a Royal Academy of Music de Londres. É um intérprete de Händel muito valorizado e tem encantado o público com a sua agilidade vocal e musicalidade, em papéis como Bertarido, Orlando, Rinaldo, Ottone (*Agrippina*) e David (*Saul*). Empenhado também na interpretação de música contemporânea, as suas interpretações reconhecidas levaram-no a colaborações frutuosas com Thomas Adès, George Benjamin e Nico Muhly.

No domínio operático, trabalhou com a Metropolitan Opera de Nova Iorque, a Lyric Opera de Chicago, o Teatro alla Scala de Milão, a Royal Opera House em Covent Garden, a English National Opera, o Festival de Ópera Glyndebourne, a Ópera Nacional de Gales, o Teatro Real de Madrid e o Festival de Salzburgo, e ainda em Munique, Viena e Zurique. Entre os papéis desempenhados recentemente estão Arsace (*Partenope*) em Madrid, Ottone (*Agrippina*) em Hamburgo e Munique, Bertarido (*Rodelinda*) para a Metropolitan Opera e Ottone (*L'incoronazione di Poppea*) em Versalhes.

Iestyn Davies apresentou-se em concerto no Teatro alla Scala de Milão (com Dudamel), no Concertgebouw e na Tonhalle (com Koopman), no Barbican, no Teatro dos Campos Elísios, no Lincoln Centre, no Carnegie Hall e nos BBC Proms (Royal Albert Hall); ao lado de orquestras como a Filarmónica de Nova Iorque, Filarmónica de Londres, English Concert, Britten Sinfonia, Concerto Köln, Concerto Copenhagen, Ensemble Matheus, Orchestra of the Age of Enlightenment, Academy of Ancient Music e Orquestra de Câmara Escocesa. Na temporada 2022/23, cantou no Carnegie Hall com Bernard Labadie, na Philharmonie de Berlim com

Emmanuelle Haim e no Barbican — onde fez a estreia mundial de uma produção de música de Downland com o alaudista Thomas Dunford, encenada por Netia Jones.

Na temporada 2023/24, os principais compromissos no campo operático incluem o papel de Tomoleo em *Giulio Cesare* (Ópera Nacional de Paris) e de Oberon em *Sonho de uma Noite de Verão* (Ópera de Atlanta e Ópera de Garsington). Em concerto, junta-se à orquestra de câmara Les Violons du Roy para interpretar a *Oratória de Natal* de Bach, à Sinfónica da Rádio Finlandesa para *Written on Skin* de George Benjamin — com direção do compositor —, ao English Concert como Bertarido em *Rodelinda* numa digressão pelos EUA e Ásia, e à Orquestra de Câmara Australiana para um programa de Bach apresentado em várias cidades daquele país.

Recitalista notável, Iestyn Davies tem cantado repertório que se estende de Dowland a Clapton, em cidades como Viena, Tóquio, Paris e Nova Iorque. É presença regular no Wigmore Hall e no Kings Place em Londres, onde foi curador de residências.

Com os seus discos de recital, ganhou três Gramophone Awards. Participou na gravação de *The Tempest*, de Thomas Adès, distinguido com um Grammy. Recebeu um prémio da Royal Philharmonic Society e foi nomeado para um Olivier no papel que desempenhou em *Fari-nelli and the King* de Mark Rylance (estreado na Sam Wanamaker Playhouse de Londres e levado para o West End e a Broadway). Em 2017 foi galardoado pela Rainha com um MBE pelos seus serviços à música.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou cerca de 115 obras em estreia absoluta e foi dirigido por maestros de prestígio internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Enno Poppe, Jörg Widmann, Baldur Brönnimann e Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, subiu aos palcos mais importantes de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo os festivais Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020). Regressou a esta sala em 2023, numa digressão com Matthias Goerne que o levou também à Philharmonie de Colónia. Em 2024, apresenta-se no festival Acht Brücken de Colónia.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür, Daniel Moreira e Jörg Widmann, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon

(Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo). Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Wagner adaptada por J. Dove e G. Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Olga Neuwirth, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders, Justé Janulyté, Enno Poppe e Liza Lim, além de compositores portugueses de várias gerações.

Na temporada de 2024, regressa à música icónica de Emmanuel Nunes e divulga obras de Vasco Mendonça, Compositor em Residência — entre as quais um novo Concerto para violino, a estreiar pela prestigiada solista Carolin Widmann, e uma obra para voz e ensemble, com Christina Daletska. O encontro com o coletivo Ruído Vermelho traz música encomendada a Luís Antunes Pena, e a celebração do 25 de Abril aborda a vanguarda de Jorge Peixinho e Emmanuel Nunes, em confronto com as novas gerações.

O Remix tem 18 discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A revista Gramophone incluiu o CD com obras de Pascal Dusapin na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Martina Batič, Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood, além do seu maestro adjunto Pedro Teixeira. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório abrangente que se estende dos primórdios da polifonia medieval à nova música. Apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez estreias nacionais de obras contemporâneas de Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Ligeti, Distler, Kagel ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira — a que se junta, em 2024, o *Libera me* de Bomtempo. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *Gloria* de Vivaldi, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* e *Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Missa de Santa Cecília* de Haydn, *Credo* de Arvo Pärt, *Das klagende Lied* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff e *Elektra* de Richard Strauss.

Na temporada de 2024, o Coro estreia uma nova obra para coro e orquestra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner. Apresenta também obras de António Pinho Vargas, Sérgio Azevedo e Vasco Negreiros, num ano dedicado a Portugal que justifica regressos à música coral de Lopes-Graça e à polifonia renascentista.

As digressões do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

Coro Infantil Casa da Música

Raquel Couto maestrina titular

O Coro Infantil Casa da Música é um dos grupos residentes da instituição, justificando por talento próprio a sua estreia pública num dos concertos maiores de 2017: no Dia Mundial da Música, juntou-se à Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, ao Coro Nacional de Espanha e ao Coro Lira para interpretar o *War Requiem* de Benjamin Britten. Desde então, já cantou a *Missa em Si menor* de Bach, o *Stabat Mater* de Dvořák, o *Te Deum* de Berlioz e a *Carmina Burana* de Carl Orff, partilhando o palco com a Orquestra Sinfónica, a Orquestra Barroca e o Coro Casa da Música, o Coro Nacional de Espanha e o Ensemble Vocal Pro Musica. Repertórios heterogéneos, em que se incluem músicas tradicionais de diferentes países, dão forma aos seus concertos regulares em nome próprio. Entre estes destacam-se a celebração do centenário de Eugénio de Andrade, com poemas musicados por Fernando Lopes-Graça, e um programa resultante de uma residência em Portugal de Jim Papoulis, compositor norte-americano dedicado à música infanto-juvenil.

Formado por cerca de 50 crianças, o Coro Infantil Casa da Música resulta e é parte integrante de uma dinâmica iniciada no ano letivo de 2016/2017 e que continua. Em articulação com as escolas básicas de Quatro Caminhos (Matosinhos), Lomba (Porto) e Quinta das Chãs (Vila Nova de Gaia), desenvolveu-se um processo de formação coral que chamou cerca de 350 crianças, agregou educadores e famílias, motivou as comunidades vizinhas. Deste percurso resultaram três grupos corais, um por escola, de onde saem as vozes do Coro Infantil. São, assim, quatro estruturas a evoluir numa

geografia alargada, orientadas pelo Serviço Educativo. Exploração de repertórios corais, composição coletiva e incentivo ao sucesso curricular são alicerces deste projeto.

Digitópia eletrónica

A Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música eletrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. O seu âmbito de ação é bastante alargado, incluindo atividades e projetos como o desenvolvimento de *software* e *hardware*, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo, e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Remix Ensemble

Violino

Angel Gimeno
Ashot Sarkissjan

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

Filipa Vinhas

Clarinete

Victor J. Pereira

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano/Sintetizador

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos

Guitarra

Júlio Guerreiro

Orquestra Sinfónica

Violino I

Álvaro Pereira
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
José Despujols
Emília Vangelova
Maria Kagan
Ianina Khmelik
Tünde Hadadi
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Alan Guimaráes
Andras Burai
Ana Luísa Carvalho*
Mariana Cabral*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Karolina Andrzejczak
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Pedro Carvalho*

Viola

Pedro Meireles
Emília Alves
Jean-Loup Lecomte
Biliana Chamlieva
Anna Gonera
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Carlos Monteiro*
Carolina Palha*
Rita Barreto*

Violoncelo

Varoujan Bartikian*
Feodor Kolpachnikov
Aaron Choi
Hrant Yerosyan
Ana Sofia Leão*
Beatriz Figueiredo*
Nuno Ferreira*
Lauro Lira*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Pedro Barbosa*
Margarida Rocha*
Slawomir Marzec
Gustavo Rocha*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Sofia Brito*

Clarinete

Carlos Alves
Pedro Silva*
Edgar Silva*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Hugo Sousa

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martínez
Ivan Vicente*
Nuno Martins

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*
Pedro Góis*

Harpa

Ilaria Vivan

Guitarra Portuguesa

Miguel Amaral*

Ensemble militar (gravado)

João Moreira
(clarinete)
Nuno Vaz (trompa)
Ivan Crespo (trompete)
Severo Martínez
(trombone)
Sérgio Carolino (tuba)
Bruno Costa (caixa)

* Convidados.

Coro

Sopranos

Ana Caseiro
Alexandra Moura
Ângela Alves
Cristina Pamplona
Eva Braga Simões
Joana Pereira
Liliana Coelho
Raquel Pedra
Rita Venda

Tenores

André Lacerda
Bernardo Pinhal
Gabriel Neves dos Santos
Gonçalo Limpo Faria
Gustavo Queirós
Jorge Barata
Marcos Rosa
Mário Santos
Miguel Leitão

Contraltos

Andreia Tiago
Ana Calheiros
Brígida Silva
Gabriela Braga Simões
Joana Guimarães
Joana Valente
Maria João Gomes
Sara Cruz
Svitlana Oksyuta Guedes

Baixos

Francisco Reis
Nuno de Almeida
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Pedro Lopes
Pedro Silva Marques
Ricardo Torres
Rodrigo Calais
Sérgio Ramos

Pianista correpetidor

Luís Duarte

Maestro Adjunto

Pedro Teixeira

Coro Infantil

Coralistas

Adriana Moreno
Afonso Guimarães
Alice Caldeira
Ana Bernardo
Ana Rita Brenhas
António Fontelonga
Beatriz Pinto
Carolina da Silva Moreira
Carolina Guedes
Carolina Oliveira
Carolina Rocha
Carolina Rodrigues Moreira
David Ferreira
Dinis Duarte
Dinis Moreira
Elana Mendes
Erica Azevedo
Ester Duarte
Francisca Soares
Gabriel Silva
Joana Sousa
João Pedro Coelho
Kaila Morais
Lara Loureiro
Leandro Vieira
Leonor Costa
Leonor Oliveira
Leonor Silva
Letícia Altoé
Mafalda Couto
Margarida Teixeira
Maria Clara Silva
Maria Eduarda Pimentel
Maria Emília Costa
Maria Francisca Brito
Maria Miguel Ribeiro
Maria Rita Andrade
Matilde Costa
Matilde Leite
Matilde Pinheiro
Nair Bilber
Pedro Soares
Rafaela Filipe
Rafaela Sousa
Rita Silveira
Salvador Fonseca
Sarah Pressler

Suéli Fernandes
Wellington Ramos

Ensemble vocal (gravado)

Dinis Duarte
Lara Loureiro
Maria Francisca Brito
Maria Miguel Ribeiro
Wellington Ramos

Formadores

Raquel Couto (maestrina titular)
Joana L. Castro (técnica vocal)
Jonas Pinho (formação musical)
Dalila Teixeira (pianista acomp.)
Duarte Cardoso (pianista acomp.)

Digitópia

Eletrónica

Filipe Fernandes¹
Miguel Bastos²
Óscar Rodrigues²

Operação Técnica

Iluminação

Bruno Mendes¹
Virgínia Esteves²

Palco

José Torres¹
José Vilela¹
Amaro Machado²
André Silva²
Carlos Almeida²

Som

António Cardoso¹
Sérgio Luís¹
Carlos Lopes²

Gravações

Carlos Lopes²

¹ Primeira parte.

² Segunda parte.

Próximos concertos

20 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Brad Lubman direção musical

Ashot Sarkissjan violino

Victor Pereira clarinete

Stephanie Wagner flauta

Obras de **Emmanuel Nunes**

20 SÁBADO 21:00 SALA 2

Future Rocks

serviço educativo · os nossos concertos

21 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

Coro Casa da Música

Remix Ensemble Casa da Música

Pedro Teixeira direção musical

Peter Rundel direção musical

Digitópia eletrónica

Obras de **Vicente Lusitano, Manuel Cardoso, Miguel Jesus, Fernando Lopes-Graça,**

Constança Capdeville e Emmanuel Nunes

0.5% DO SEU IRS

POR UMA BOA CASA

PORQUÊ APOIAR A FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA?
Com programas educativos, concertos inesquecíveis e projetos comunitários, a Fundação Casa da Música promove a cultura, a educação e enriquece as vidas de milhares de pessoas.

COMO FAZER
No quadro 11 da Declaração Modelo 3, seleccione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.
Caso tenha IRS Automático, no momento da confirmação da declaração assinale a caixa que indica que pretende consignar 0,5% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo, sem qualquer custo para si e sem afetar o seu reembolso, permite-nos chegar mais longe.

NIF 507 636 295

ANO DE PORTUGAL
COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA



O Presidente da República

APOIO INSTITUCIONAL



MEDIAS



PATROCINADOR



APOIO

